

Moinhos e Azenhas no Alto-Minho inertes ou decadentes

pelo Eng.º Guilherme Felgueiras

A vasta e garrida zona compreendida entre os rios Minho e Lima, é banhada não só por estes dois cursos fluviais e seus principais afluentes (o Coura e o Vez), mas ainda pelos riozinhos de margens amenas, o Âncora e o Neiva. Serve o álveo deste último, numa larga extensão, de limite meridional ao distrito de Viana do Castelo.

A esse conjunto de correntes naturais de águas murmurantes, há que acrescentar outras de caudais menos volumosos, como sejam os Rios de Mouro e de Cabrão, e os ribeiros e riachos de Aboim, Afife (ou das Cabanas), Areosa (ou do Pego), Bugão, Cabreira, Cabril, Cardielos, Estadela, Estorãos, Frio, Gavieira, Labruja, Portuzelo, Queijas, Souto dos Loiros, S. Vicente, Trancoso (limitando a fronteira dos dois países), Wade e tantos mais.

Toda essa massa líquida — irrigando veigas e prados fecundos, espelhando latadas e vinhas de «enforcado», fertilizando courelas cultivadas — torna harmoniosa e de serena doçura a vida campestre. Seus milheirais vicejantes, bouças, pinhais, sotos e carvalheiras, dão enquadramento risonho ao casario de cor pardacenta, ao grito claro da cal branca dos campanários, aos cruzeiros, «alminhas» e espigueiros rurais, dispersos pelas aldeolas ribeirinhas, exuberantes de vegetação. Elementos de conjunto que só o território minhoto pode oferecer.

Não são apenas os campos de regadio a beneficiar com esta farta provisão de água vivificadora. A força hidráulica era, em tempos não muito remotos, aproveitada para dar movimento às *azenhas*. Colocadas na margem dos rios e arroios, trituram com suas pesadas galgas de «pedra de galho», o milho que entra como factor importante na economia alimentar da gente do Minho. Esses rústicos engenhos de «rodízio», com a água motora cantando panteisticamente pelas levadas, era uma das atracções panorâmicas, um dos encantadores complementos da paisagem minhota, rica de graça e poesia.

O avanço da técnica, com seus processos de operar mais eficientes, veio neutralizar ou reduzir a actividade de grande número de moinhos, accionados pelo vento, ou tocados pela água em cascata. Produzir um hiato na moagem rotineira. Porém a toponímia local, ficou como perdurável testemunho de um determinado tipo de vida, de um ritual de trabalho cheio de primitivismo; a atestar a importância, durante anos e anos, desses rudimentares maquinismos criados para farinação dos cereais. No distrito de Viana, são numerosos os designativos de lugares que os assinalam e que têm vivido na memória de gerações:

ARCOS DE VALDEVEZ

MOINHOS DO CAMINHO — Freguesia de Oliveira; MOINHOS — Freguesias de Parada e de Vale; MÓ DO CABO — Freguesia de Guilhadezes; RIO DE MOINHOS — Freguesia de Arcos de Valdevez; EIRA DA MÓ — Freguesia de Parada; MOINHO — Freguesias de Tabacô e de Santar; PENEDO DO MÓ — Freguesia de Padreiro (Salvador); MÓ — Freguesias de Grade, Rio Cabrão, Senharei e Guilhadezes. Nesta ridente paróquia, que tem como orago Santo André, ergue-se altiva a TORRE DA MÓ, que foi solar de fidalguia.

MELGAÇO

MOINHOS — Freguesias de Paderne e de Melgaço; MOZ — Freguesia de Penso.

PAREDES DE COURA

MÓ — Freguesia de Parada.

PONTE DA BARCA

MOINHOS — Freguesia de Boivães.

PONTE DE LIMA

MOINHO VELHO — Freguesia de Estorãos; MOINHOS — Freguesia de Friastelas.

VALENÇA

AZENHAS — Freguesia de Ganfei.

VILA NOVA DE CERVEIRA

MÓS — Freguesia de Covas; MOINHO VELHO — Freguesia de Loivo.

O tipo étnico-social do moleiro, as faculdades dinâmicas, o corportamento nas maneiras de pensar e de agir que o singularizam, são observados pelo povo, ao mesmo tempo, com uma espécie de comisseração romântica e de retraída desconfiança. A men-



Velho e típico moinho de vento — Minho

talidade popular, abençoa o moendeiro quando este se afadiga em triturar-lhe a cevada, o trigo e o milho fulgurante como oiro; em trazer-lhe à porta a farinha alveira, que as mãos das aldeãs pres-tes convertem na saborosa broa de costão aloirado. Compadece-se até da sua escravidão perante a máquina; do esforço físico, lutando de estrela a estrela pela sobrevivência e repudia a sua vocação — «*Diabo perdido, meteu-se a moleiro*».

E o estro popular confirma:

— *Triste vida leva o burro,
mais triste leva o moleiro,
anda de porta em porta
a saber do «maquieiro».*

Adversamente, olha-o de sobreaviso, considerando que «*bem sabe levar a água ao seu moinho*»; que a rendosa profissão, o leva a ser pouco escrupuloso no acerto de contas, falseando a recolha das «*maquias*», bem integrado nos conceitos de que — «*quando Deus dá a farinha, o Diabo fecha o saco*», «*taleiga vasia, não se pode pôr de pé*» e de que «*moinho que não rende maquia, é como gaita que não assobia*».

Há um refrão, tão velho como as azenhas, os moinhos e os lagares, que reza assim: «*três moleiros, três lagareiros e três «escrivões», são nove ladrões*». Aos profissionais desses três misteres, cabe em suas consciências, o veredicto.

O rifoneiro regista mais ditados, pouco indulgentes: «*mais vale moinho vazio que o moleiro por amigo*», «*quem tem moinho e pé de altar, não vai para a cama sem cear*» e «*alcaide em mandar, moinho em moer, sempre ganham que comer*».

* * *

Portugal pode considerar-se o país europeu com maior número de engenhos primitivos moageiros. Segundo estatísticas oficiais, existiam em 1964 em todo o continente, 2.895 *moinhos de vento* e 31.903 *azenhas e moinhos de rodizio*, nem todos em actividade. Havia ainda os *moinhos de maré*, que podiam ver-se nos estuários do Tejo, (designadamente nos esteiros do Seixal), em Vila Nova de Milfontes e até nos rios Minho e Lima, (embora há muito em ruína ou total abandono), os *moinhos de água salgada*, do Algarve e os *moinhos fluviais*, que eram as instalações para moer grão utilizadas com grande frequência, em especial no Minho, pelas suas favoráveis condições mesológicas.

Em 1958, era assinalada a presença, no distrito de Viana do Castelo, de 101 *organizações fabris de moagem*, 43 *azenhas* e 7 *moinhos de vento*. As 54 fábricas de moagem em laboração, nesse ano, no concelho de Viana, estavam assim distribuídas:

Afife (2); Alvarães (1); Amonde (1); Anha (6); Areosa (1); Capareiros (2); Cardielos (1); Carreço (1); Darque (3); Deão (1); Deocriste (1); Geraz do Lima (2); Lanheses (4); Mazarefes (1); Meadela (5); Meixedo (1); Nogueira (1); Perre (2); Portuzelo (2); Subportela (2); Torre (1); Viana do Castelo (5); Vila Franca (1); Vila Fria (3); Vila Mou (1); Vila de Punhe (2) e Vilar de Murteda (1).

Conseguindo resistir ao lento e implacável desgaste do tempo, permaneciam no distrito de Viana, no ano atrás referido, 43 *azenhas* em trabalho activo, tocadas vagarosamente pelas águas dos açudes, e assim localizadas:

ARCOS DE VALDEVEZ

Freguesias de Cendufe (5), de Padroeiro (1).

CAMINHA

Freguesias de Âncora (3), de Moledo (5).

MONÇÃO

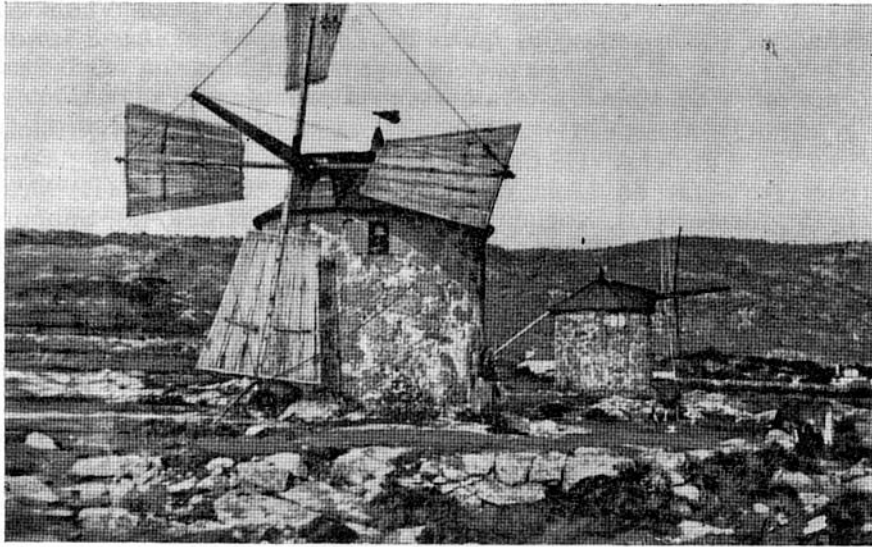
Freguesia de Troporiz (8).

VIANA DO CASTELO

Freguesias de Carvoeiro (3), de Freixieiro de Soutelo (6), de Geraz do Lima (8) e de Subportela (4).

Imagens de uma tradição secular, arquitecturalmente rústica, mas plena de sabor regional.

No concelho de Viana, eram proprietários desses singelos moinhos de rotineira mecânica, os seguintes molinheiros: Floriano da Sertã, Francisco da Costa Maciel, Manuel António Gomes, António Alberto Gonçalves, Gaspar Manuel Barbosa, João Luís Pires, João Pereira Laranjeira, Manuel José Pires, Rodrigo Francisco Afonso, Albertino Gonçalves Magalhães, Amadeu Lopes Torres, António Lourenço Lima Júnior, Manuel Araújo Vicente, Manuel Oliveira, Manuel Lopes Júnior, Manuel dos Santos Lima, António



Viana do Castelo — Montedor

Antunes da Silva, João Gonçalves Belo, Joaquim Ribeiro da Silva e José Afonso de Carvalho.

Os *moinhos de vento*, já, há três décadas atrás, iam paralisando as velas, um após outro, e quase se limitavam a ser ridentes pinceladas na tela paisagística. No Alto Minho, por esse tempo, apenas estavam recenseados sete: *Caminha* — Freguesia de Seixas (2); *Monção* — Freguesias de Cambeses (1) e de Longos Vales (1); *Viana* (3). A menos de duas léguas da cidade, no alto de Montedor (freguesia de Carreço), podiam, o etnógrafo ou o amador de pitoresco, presencê-los, cirandando dolentemente ao vento suas rígidas «espadelas». Tinham essa característica especial: as velas, de madeira, davam-lhe uma feição bem diferente da dos moinhos saloios, «enroupados» com «panos» brancos.

Como curiosidade, se registam os nomes dos proprietários dos *moinhos de vento*, instalados remotamente no Alto Minho:

VIANA DO CASTELO

Freguesia de Carreço (Montedor)

Alberto Fernandes Pires, Horácio Alves Macedo e Manuel Moreira Pinto Ramos.

CAMINHA

Freguesia de Seixas

Catarina da Conceição Portela e Domingos Lourenço Portela.

MONÇÃO

Freguesia de Longos Vales

António Pereira de Castro.

Freguesia de Cambezes

Leopoldo Lourenço.

Por mais que escogitemos nos recantos da investigação histórica, não é fácil determinar com segurança qual o período em que os moinhos de velas, tendo o vento como força motriz, começaram a imprimir à nossa paisagem soberbo e risonho encanto. É de admitir que a sua adopção em Portugal despertasse a seguir às Cruzadas. O que se sabe de positivo é que estes rústicos engenhos de farinar grão existem entre nós desde tempos muito recuados. O primeiro documento que se refere a moinhos data de 1303.

Herança ou influência dos Arabes, dos Fenícios, dos Chineses, ou dos Persas, há-os em copioso número. Dominam, desde os espinhaços dos outeiros saloios, às dunas areentas de A-Ver-o-Mar nas redondezas da Póvoa de Varzim. São, estes últimos, com seus coruchéus de palhiço, de uma originalidade singular. Altivos, como sentinelas do passado, perfilam-se os moinhos no ondeado dos cerros, sobressaindo no fundo opalino do extenso horizonte e dando aos quadros panorâmicos, esplendor, alegria e exuberante beleza. Evocam uma das mais sagradas actividades humanas, e alguém os comparou já a ermidinhas brancas onde se reza diariamente a oração do «Pão nosso de cada dia». Constituem atractivo para os olhos e para o espirito, com o rodopio das velas em cruz, suas cúpulas giratórias rematadas pelo galarós-cata-vento, e seus rosários de pucarinhos — a «loiça». Estes búzios, cabaças ou «cantarinhas» de barro, ressoam como um colar de ocarinas, num murmúrio monofónico, fazendo dueto com o trincolear chochalheiro da «taramela». Embalam assim os enfarinhados moleiros ou «munheiros», como outrora, com suas canções de berço, nos acalentavam nossas avós!

Além de Portugal continental, os moinhos alongam a sua área de dispersão pelos arquipélagos madeirense e açoreano. Há moinhos com interesse histórico ou recordações gloriosas a eles ligadas. Na serra do Buçaco, formam grupo um conjunto de moinhos que, em 1810, foi muda testemunha da resistência do exército

anglo-luso na batalha travada contra a prepotência napoleónica.

A semelhança do que fizeram a Holanda, a França, a Bélgica, a Inglaterra, a Alemanha e outros países desenvolvidos, foi criada em 1965 em Portugal, a «Associação dos Amigos dos Moinhos», para proteger e defender da ruína a velha artesanaria molinheira. A sua intervenção, a intensificar-se, teria grande alcance; não só para ilustrar o cartaz turístico, mas também para os estudos Etnográficos, Histórico-Económicos e até Filológicos, como conscienciosamente advertiu a douta escritora D. Mariana Amélia Machado Santos.

As azenhas e moinhos de vento, embora de singela estrutura, têm uma diversidade de órgãos a que corresponde uma terminologia apropriada: — «pojadouro», «aguilhão», «rodízio», «tangedouro», «erreiro», «alçadouro», «segurelha», «galga», «caleja», «penas», «adelhão», «aliviadouro», «pêla», «gogo», «rela», «cintarel», «entrós», «quelho», «moega», «ferrenho»... Sem particularizar a sinonímia; basta atentar na profusão de nomes que recebe a «tremonha» — «adelha», «dorneira», «moéga», «canoira», etc. Até o cancionero popular é fértil nestes qualificativos.



Azenha no rio Coura — Vilar de Mouros — Caminha

Escutem-se as moleirinhas. Carregados os «foles», as «taleigas» ou os «botelhos», põem-se a caminho, tangendo o orelhudo burrico e cantarolando:

*A Senhora do Sameiro
por sete anos foi moleira;
a vassoura era de palma,
a «palanca» de oliveira.*

*Ó Senhora do Sameiro,
Ó minha Salvé-Rainha!
dai-me grão para o moleiro,
que ele me dará farinha.*

*A Senhora da Peneda
tem um moinho, é moleira;
tem um «trolho» só de prata,
e a «panquinha» é d'oliveira.*

O aproveitamento turístico dos moinhos, proposto por alguns «molinologistas» é de aplaudir, sim, mas feito com senso e equilíbrio estético. Não se despertem de um sono duradoiro, para os sujeitar a alindamentos modernistas, estilizações catitinhas e adaptações a baiucas do comércio, com anúncios inconcebíveis. O cálculo não deve destruir o sonho.

Consolidem-se e restaurem-se, rebocando-lhes as paredes carcomidas e branqueando-os a cal, «enroupando-os» com as suas características velas, mas sem lhes tirar o encanto próprio, o cariz antigo, o interesse etnográfico, pitoresco e paisagístico. Os «Amigos dos Moinhos» devem coexistir, em fraterna comunhão, com os artistas contemplativos, os eruditos penitentes.

Nada de moinhos estáticos; deixem-nos revoltar à vontade, alegrando a alma dos viandantes e peregrinos. Tenhamos presente o conceito de Renoir: — «O mistério e o sonho são alimentos essenciais dos nossos espíritos». Ora, estes alimentos, encontramos nos moinhos velhinhos, porque, fenómeno singular, depois de uma forçada tranquilidade, a sua função mais se purificou. Esses moinhos «fantasmas» — na expressão do artista francês — põem-se a moer um grão imaterial.

Em imaginação, julgamos vê-los orientar ainda as velas brancas para a brisa, tal qual o girassol para a luz solar.

Os moinhos fazem parte integrante de muitas das nossas paisagens: têm alma. No dorso dos montes parece elevarem-se para atingir a luz suprema.